

"Um dia, um Russomanno qualquer ganha a eleição"

Marcelo Ribeiro



Agregar o apoio de Russomanno de maneira coerente deve ser um dos desafios enfrentados por Serra e Haddad no segundo turno

Especialista avalia que desempenho meteórico do candidato do PRB deve servir como alerta para candidatos e partidos tradicionais; Russomanno e Chalita devem apoiar Haddad.

A trajetória de Celso Russomanno na corrida eleitoral de São Paulo terminou no domingo (7/10), após o candidato ficar na terceira colocação e não passar ao segundo turno. O desempenho, porém, não deve ser considerado um insucesso na carreira política do candidato do PRB.

O especialista Emmanuel Publio Dias, cientista político da ESPM, avalia que o desempenho meteórico de Russomanno, que chegou a liderar nas pesquisas de intenção de voto com 14 pontos percentuais de vantagem, deve servir como alerta para os partidos mais tradicionais no cenário eleitoral da capital paulista.

"Se os candidatos não começarem a assumir uma personalidade política tanto na gestão quanto na campanha, os resultados podem surpreender no futuro. Um dia, um Russomanno qualquer ganha a eleição", afirma.

No primeiro turno, Russomanno e Gabriel Chalita (PMDB) somaram 35% do total de votos. Neste contexto, certamente o petista Fernando Haddad e José Serra, do PSDB, tentarão se aproximar de ambos para cogitar apoio no segundo turno.

Haddad, porém, tem uma vantagem em relação ao tucano, já que ambos os partidos fazem parte da base aliada do governo federal. "As forças aliadas da base do governo de Dilma Rousseff devem manter a aliança no plano local. Com isso, Haddad entra com bastante vantagem nas negociações pelas alianças", explica Dias.

No mesmo sentido, Francisco Fonseca, cientista político da Fundação Getúlio Vargas (FGV), considera que o caminho está muito mais viável para o petista.

"Acredito que o segundo turno conduz alianças que podem soar como contraditórias se compararmos aos acontecimentos da fase anterior. Haddad foi bastante agressivo com Russomanno nas duas últimas semanas, mais que o próprio Serra. Porém, na política o que está em jogo são interesses e ideologias", diz Fonseca.

Já Soninha Francine, do PPS, deve atribuir seu apoio à candidatura tucana, sendo compatível com sua postura contra o PT e por ter trabalhado na campanha de Serra na última corrida presidencial, em 2010.

Dias explica que as alianças nem sempre determinam a vitória de um candidato específico. "A transferência de votos não é automática, nem integral. O eleitor com discernimento decide por si só. Quem acompanha partido é a militância".

Considerando a rejeição de Serra e do PT em São Paulo, Fonseca identifica um desequilíbrio. "A rejeição de Serra é grande assim como a do PT. Porém, a adversidade ao partido de Lula é uma forma de combater a força da legenda. O partido tem muita votação nas periferias", explica Fonseca. "Haddad tem apoio muito forte. Lula e Dilma devem impulsionar sua candidatura. Se participarem mais ativamente da campanha, podem liquidar Serra", complementa Dias.

Sobre a trajetória ascendente de Haddad, que figurava na sexta colocação com 3% das intenções de voto no início do ano e chegou aos 29% de apoio na eleição de ontem, Fonseca atribui o avanço ao fato de o candidato petista ter se tornado conhecido gradativamente. "É importante dizer que Haddad era desconhecido da maior parte do eleitorado. A presença de Lula e Dilma consolidaram a sua candidatura e a fortaleceram".

Os especialistas ainda não apostam na vitória de nenhum dos dois prefeituráveis. "O problema que está em jogo agora é como agregar apoio e superar a resistência e a rejeição. É um desafio para ambos. Quem se sair melhor na batalha pode estar um passo a frente para comandar São Paulo a partir de 2013", conclui Dias.

Fonte: Brasil Econômico on-line. [Portal]. Disponível em:
<http://www.brasileconomico.ig.com.br/noticias/um-dia-um-russomanno-qualquer-ganha-a-eleicao_123240.html>. Acesso em: 9 out. 2012.